

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.025

Sábado, 25 de Março de 1922

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º & Lisboa PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa & Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

## E' inútil a repressão governamental

E' indubitable estarmos em falso do plano que desde há tempos vímos denunciando, por parte do governo, das forças reacionárias e do patronato, seja este representado pela C. P., ou seja representado pelos organismos industriais e comerciais.

Será esse plano restrito a Portugal, ou será de carácter internacional?

Os acordos entre as centrais sindicais da Alemanha e da Itália indicam que as forças reacionárias e patronais recrudescem de audácia para vencer a classe trabalhadora organizada, procurando cercar-lhe direitos e regrálias, e criando-lhes condições de fraca resistência para melhor ater subjugada.

Sem possuirmos informações bastante exactas e concludentes de que nesses países predominam aqueles factores, podemos no entanto tirar quelas conclusões se tivermos em consideração que os fenômenos são idênticos em todos os países, por isso que em todos eles é idêntica a causa que os deserminta.

A luta de classes está assim tomando uma feição de mais víva acuidade, mas neste caso provocada pelas forças que estão de posse de todos os poderes de predominio económico e político.

Por que não se trata já duma ação intensa, de facto, por parte da classe operária internacional: trata-se de um outro fenômeno, não menos profundo e interessante — a confissão tácita do patronato e do Estado de não possuirem aquela força moral necessária que lhes permitiria manter-se, se de facto, assentasse o seu predominio de classe numa base sólida fundamentada no direito da razão e da justiça.

Por outro lado, possuindo, muito embora, todos os poderes de direção e administração, está observando que não pode já restabelecer o seu predominio como quando tomou conta dos destinos sociais e se encontra encapacitado para regularizar as coisas por forma a poder atender a todas as exigências modernas da sociedade.

O egoísmo individual dos possuidores, a sua insaciável cubica antepõem-se a todos os possíveis e melhor imaginados arranjos económicos e políticos dos governantes, que acabam por não poder desembaraçar-se da forte teia de interesses, variados e complexos, cada vez mais difíceis de resolver por estarem estreitamente apertados nas restritas bases da propriedade privada.

E como o mal estar se generaliza sem a tal poderem obstar — porque não querem ir de encontro aos privilégios capitalistas — os governos, acoçados pelos organismos patronais, não tem outra maneira de resolver o problema senão reprimindo violenta e cegamente as aspirações de liberdade e de bem estar da classe trabalhadora.

Há governos que, graças às suas habilidades, procuram obstar a euforia das grandes manifestações de cólera e de revindicação popular; mas há outros que, menos inteligentes, não sabem resolver os problemas de momento sem recorrer às sempre revoltantes medidas de violência e arbitrariedade, que longe de afastarem um perigo ainda mais agravam.

E o que acontece com o governo actual. Saído dum partido que mais tem governado este país, este governo esquece facilmente as lições dum passado aliás pouco distante. Nunca a classe operária viu integralmente satisfeitas as suas aspirações com qualquer governo da República, como as não viu com governos da Monarquia, pela conhecida razão de que já-mais governo algum as pode satisfazer. Mas, dentro do actual regime, tem sido os governos do P. R. P. que mais mal tratado tem a classe operária, reengando muitas das suas afirmações constantes do programa porque dizem orientar-se.

Não nos admira o facto, que em os seus precedentes históricos... Afonso Costa já mal quis segurar.



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.025

Sábado, 25 de Março de 1922

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º & Lisboa PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa & Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O operariado não pode consentir que o governo, sem motivo justificado, continue violando a justiça e defendendo trabalhadores, talvez para satisfação da Patronal!

## Perseguição monstruosa

Há 15 dias que se encontram operários presos sem culpa formada

António Maria da Silva suprime todos os direitos humanos e espesinha as leis do regime de que se diz serventário

estudar o que seria o Sindicalismo, demonstrando a sua ignorância a tal respeito na célebre conferência da Imprensa Nacional. Nunca quiz discussão, mesmo cordial, com sindicalistas, obstinando-se em não compreender que a ação sindicalista era eminentemente popular, porque correspondia a uma necessidade de luta das massas escravizadas, presas pelo trabalho no sistema económico da produção e presas pelo salário às extorções dos intermediários das coisas necessárias ao consumo, sujeitas sempre à vileza dos conservadores dos convencionais morais e económicos das castas usurpadoras.

Isolou-se assim das massas, abandonando os interesses imediatos do povo, não lhes auscultou o sentimento nem lhes deu o pensamento, tornando possível o movimento das espadas, de que se salvou por um bámburro no dia 14 de Maio, e preparando a atmosfera que permitiu o 5 de Dezembro, que ia dando em terra com a República de que o P. R. P. se diz o mais lídimo defensor e que se salvou apenas porque essas tam despresadas massas acorreram heroicamente a Monsanto, para, afinal, voltarem a ser de novo perseguidas...

Este governo encarna ainda o pensamento dos tempos passados. Dir-se-á que os homens do P. R. P. não progrediram e nem aprenderam com as lições do passado. Isolados sempre das massas, ignoram-lhes o sofrimento ingente. Orientam-se pelos conselhos das castas conservadoras e reacionárias. Quem manda? Os partidos da oposição, os jornais que representam os conservadores, os monárquicos — *A Epoca*, *A Monarquia* e até *O Tempo*. Quem executa? O governo democrático.

Não é isto uma flagrante e desoladora irrisão? É. Mas este governo não encontra outra forma de satisfazer os desejos dos organismos patronais, supondo que assim concorre para o restabelecimento da ordem e do equilíbrio financeiro que traria a abastança. As garantias expressas nessas leis não resultam dum favor, conquistaram-nas os trabalhadores.

Pois bem. Os únicos delitos que os operários cometem foi o de abrigar as leis, pensarem, reuniarem bem essas leis — apesar da inequívoca ferocidade — que é impossível impedir que os trabalhadores se associem para defender os seus interesses e reunir para discutir e concertar sobre elas as suas opiniões. A lei concede aos operários, ainda que essa concessão seja restringida por regulamentos vexatórios: liberdade de pensar, de associar e de reunir. Essas concessões obliteram-nos os trabalhadores lutando com tenacidade e energia e a lei sancionou-as porque não as podia impedir.

Só revogando essas leis é que os operários podem ser encarcerados. O go-

verno entende que assim não deve ser: o governo pretende arrogar-se o direito de coartar os direitos de quem trabalha.

Pensar, refinar, associar-se são os direitos que o governo não consente aos trabalhadores, são direitos que ele entende só pertencem aos que exploram. Afirma a lei que nenhum indivíduo pode conservar-se sob prisão por mais de 8 dias sem culpa formada.

Pois o governo despreza essa lei e mantém nos fortes há quinze dias dezenas de operários.

As garantias individuais estão suspenso. Suspenderam-as um governo liberticida, presidiu por essa figura símbolo das *bas fonda* da política negra, que se chama António Maria da Silva. O António Maria da Silva com um passado de bombas, de carbonarias e desordens. Desordens, carbonarias, bombas sem objetivo, sem nobreza, sem ideal...

A's ordens dum homem que passou a vida transgridindo as leis para governar e que governa, para pulando acima de todas as leis, atentar contra todos os direitos humanos, atentar contra a liberdade dos que trabalham.

Uma sociedade que tem a governação do António Maria da Silva está moralmente falida!

## O PROTESTO OPERARIO

### Sindicato Único Metalúrgico

Os corpos gerentes e a Comissão da Caixa de Solidariedade do Sindicato Único Metalúrgico, reunem hoje às 20 horas prefixas para tratar da situação dos camaradas presos.

Os corpos gerentes lembram a todos os metalúrgicos a necessidade de hoje sábado, e em todas as oficinas, abrirem queites para auxiliarem os camaradas

(Ler continuação na 2.ª página)

## PELA RÚSSIA FAMINTA!

E' dever de todos os povos e está mesmo no seu interesse salvar os famintos russos

Pelo dr. Nansen

E' de absoluta necessidade acudir à Rússia

Vamos agora enfim responder à questão fundamental. —

Mas que questão é essa? Não é de modo nenhum esta: — Qual é a causa da fome? E' antes est'outra: — Ainda há necessidade de socorro? Permitirão eles a gente do campo retornar o trabalho, renascer para a vida laboriosa, ou será isso um mero paliativo, um expediente temporário que por fim de nada servirá?

Por esta pregunta só há uma resposta: — Sim, merece a pena de mandar socorros e mandá-los depressa, não só, com efeito, para salvar vidas humanas, mas para as salvar definitivamente, mandando esses socorros em quantidade suficiente para que de novo possa pôr-se de pé essa região

Mas ainda se tem dito mais: — Os governos não podem, não temem justificação para olhar para tam longe antes que se venha a terceira guerra mundial. —

Mas ainda se tem dito mais: — Os governos não podem, terem feito quanto possam para melhorar a situação interior dos seus próprios países. — Diz-se e repete-se que a Europa não pode hoje dar-se o luxo de descurar a Rússia, e eu então respondo, com todas as veras de alma, que o que a Europa não pode é dar-se o luxo de descurar a Rússia. E o falso que a ameaça não se limita a este ano, mas está em risco de prolongar, estendendo-se ao ano que vem.

Só os dois grandes problemas que é mister resolver imediatamente durante os dois meses que se vão seguir. A Europa não pode deixar passar esses dois meses sem salvar as populações pelo menos até Julho e permitir-lhes que fiquem a esperada colheita. Se nada se tentar, a região do Volga, o que é um resultado importantíssimo. A seguir, o que era ainda muito mais difícil, consegui que os camponeses ameaçados pela fome semearsem com os sacos de cereais que lhes levantavam. E' verdade que isso custou enormes quantias ao governo dos sôvietes, que com esse fim gastou 750 milhões de francos. Em vez de distribuir esse trigo pelos famintos, o governo houve por bem empregá-lo como seimento, o que fez estender a miséria a mais 2 milhões e meio de habitantes.

Mas a colheita do Volga era de tam magna importância na vida económica da Rússia, que nenhum estado poderia passar sem ela. Sabendo que o governo dos sôvietes não podia de por si desempenhar-se da tarefa, eu terminava o meu chamarão aos governos em Setembro passado nesses termos: — Seja qual for a vossa resposta, não iremos quanto antes, corajosamente, apelando para toda a caridade ou solidariedade humana, para todas as iniciativas particulares. — E com as nossas pobres fôrças, encetámos logo a nossa santa cruzada, recebendo uma resposta magnífica, por vezes vinda de alguns governos, mas resposta que foi principa-

## UMA TRINDADE SINISTRA

## PINTO & SOTTO MAYOR, SIMÃO LABOREIRO E LUIZ GALHARDO

Aprecia-se a ingenuidade do DIARIO DE LISBOA, a «chantage» do TEMPO e a defesa das pessoas de respeitabilidade — Hipóteses que poderiam ser verdadeiras

Não é hábito nosso colocarmos contos aparentemente inversimelos no lugar em que esta história se relata. Abrimos haja uma exceção, porque a história é fantástica que vimos contar é verdadeira; passou-se em Lisboa, com pessoas consideradas da máxima respeitabilidade.

Principios:

É uma vez um homem chamado Simão Laboréiro. A sua vida foi um séria de aventuras misteriosas que se murmuram, a medo, nos cafés, mas que pouca gente tem a coragem de trazer a público. Talvez uma das razões porque não trazem à luz da dia a sua história é que é uma exceção, porque a história é fantástica que vimos contar é verdadeira; passou-se em Lisboa, com pessoas consideradas da máxima respeitabilidade.

Assim se explica a repressão feroz e despótica em acção neste momento. Mas, repressão porque?

Para quê? Supõe o governo que prendendo e até fusilando os militantes, todos os que considera depreciativamente meneurs, velhos ou jovens, jugula o movimento sindical ou revolucionário?

Ora, adeus! O José bíblico quiz fazer parar o Sol. Se o governo conseguiu paralisar a Terra no seu movimento natural, fará com que o movimento operário, sindical e revolucionário paralise também. Não o conseguindo...

Assim se explica a repressão feroz e despótica em acção neste momento. Mas, repressão porque?

Para quê? Supõe o governo que prendendo e até fusilando os militantes, todos os que considera depreciativamente meneurs, velhos ou jovens, jugula o movimento sindical ou revolucionário?

Bastantes perseguições se têm feito já à classe operária. Ao fim de cada uma, novas forças criadoras surgiram, marcando um maior robustecimento da organização pelo alargamento dos seus quadros revolucionários. Na

Havia, enfim, uma casa bancária, Pinto & Sotto Mayor, de quem também se fala.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

Um dia, no *Tempo*, apareceram as histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés.

A história causou sensação. Procurava-se o *Tempo* com prazer para ver a indignação desse homem que assinava a *Tempo* e desmascarava a ilusão.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As histórias horripilantes que, acerca da casa Pinto & Sotto Mayor, se murmuravam nos cafés, dizia mal, muito mal.

As



## A BATALHA no Porto

## CRÓNICA

Baseando-se nas reclamações dos manipuladores de pão, os industriais de padaria manobram para conseguirem o aumento do pão ou a diminuição do seu peso — Os salários poderão ser melhorados se em essa nova manigância?

— Podem dizer alguns operários — Informes pelos quais se verifica que se mistura farinha dos pobres na de 1.ª qualidade — As traficâncias e os lucros conhecidos — O que não dizem...

Os industriais de padaria tentam novo assalto à bôlsa do consumidor. Procuram, muito em segredo, para que os espíritos se não alvorem antes do tempo, para que as suas intenções não sejam destruídas logo a nascer, conseguir licença do chefe do distrito para que possam aumentar ao preço do pão ou, em último recurso, diminuir ao seu já desacertado peso legal. Sem ruidos que despetrem a atenção pública, sem espalhafatos que denunciem os seus propósitos ambiciosos, os donos das padarias dirigem-se ao governador civil para, pacientemente, lhe fazerem a proposta de encerramento do principal alimento da população. Sabemos também que o sr. Adriano Pimenta, vislumbrado por uma chama de consciência, não aceitou o amavel pedido dos padereiros, nem achando convenientes as suas razões apresentadas.

As razões que os industriais de padaria aduziram na presença do chefe do distrito, para que ele, muito reflectivamente, autorizasse a nova escamoteação desejada, fundamentam-se na reclamação de aumento de salário formulada pelos operários manipuladores de pão. Os industriais padereiros alegam que a moagem lhes não da margem para poderem satisfazer o pedido do seu pessoal. Elementos competentes das classes dos manipuladores de pão afirmam que os actuais lucros dos lojistas de padaria podem comportar o acréscimo da despesa que acarreta a melhoria de ordenados dos operários.

Vê-se, portanto, sem grande esforço mental, que os padres, quer dumha indústria, quer de outra, valem-se das relações dos trabalhadores tam sólamente para justificarem os seus egos, concedendo 10 para surpreenderem 50. A esta moral exorquirida encostaram-se igualmente os padres de padaria, 1º obedecendo a elas, impulsivamente, tratam de conseguir um novo aumento do preço do pão ou uma redução no seu peso, para atender os seus empregados...

Os industriais de padaria, possivelmente, mostraram à primeira autoridade do distrito quais as despesas feitas com o movimento da sua casa.

Calculadamente, porém, deviam ter escondido quais os seus verdadeiros lucros legais e os saídos das manigâncias...

Há operários conscientes na classe dos manipuladores que não admitem, nem podem admitir, que à sombra das suas reclamações se faça uma torpe especulação, na intenção usurária de se querer roubar o consumidor, muito especialmente aquele que pertence às classes trabalhadoras, porque geralmente é o mais afectado. Evidentemente, que as classes proletárias impõem-se pela sua moral; se reclamam é porque são exploradas, e nunca devem fazer de capa aos exploradores, pelo menos sem o seu protesto veemente, para que todos o fiquem sabendo e sentindo.

Os industriais dizem que não tem possibilidades, dentro dos presentes lucros, há operários que asseveram o contrário: a questão era serem mais comedidos nas suas ganâncias. Pelo sim, pelo não, para se levantar, não por completo, mas um pouco do véu, vamos-nos reportar a uns informes que profissionais nos concederam gentilmente, visto que não querem ser cípiculos na roubaheira. Tomamos por base uma certa casa que manipula, cotidianamente, 200 quilos de farinha flor, pão fino, e 200 quilos de farinha pão único. É preciso lembrar-se que os industriais preferem a existência dos dois tipos únicos de pão, porque mais facilmente se prezam às manigâncias. Porque assim é, é que nós principiamos já por aqui, para que os leitores, camaradas ou não, fiquem bem elucidados. Nos 200 quilos de farinha para o fabrico do pão fino, o industrial vota-lhe, mistura-lhe 68 quilos de farinha de 2.º, isto é, em 132 quilos de farinha flor adiciona-lhe 68 quilos de farinha de pão único, o que dá uma média de 25 quilos por cada 75, ou seja uma saca por cada trés.

Se o industrial procedesse seriamente, gastava no emprego dos 200 quilos de farinha flor, para o pão fino, 280\$00; como, porém, procede manigamente, fazendo misturas, apenas dispõe 225\$00, tendo, pois, já um lucro na mistura de 54\$40, 132 quilos de farinha flor, a 1\$40 cada, somam 184\$80; 68 quilos de farinha de 2.º, a 60\$, por 48\$80, que juntos os 184\$80 dão o resultado de 225\$00. Mas os 68 quilos da mistura são pagos pelo consumidor como sendo farinha flor, isto é, à razão de 1\$40, somando 95\$20; subtraindo-se desta quantia os 40\$80 do verdadeiro valor da farinha de 2.º, encontraremos o lucro referido de 54\$40. Isto só na simples mistura.

Eis o motivo porque os industriais de padaria defendem à outrance os dois tipos de pão, embora quando haja um só tipo elas, clandestinamente, fabriquem o outro.

Por outro lado: 200 quilos de farinha flor e 2.º, uma vez manipulada, dão umas 346 dúzias de pão, e 200 quilos de farinha única, para os pobres, rendem duas excusões, uma das quais a que

marcas, apelando para que todos os delegados façam a devida propaganda entre as suas classes.

Entra em discussão a reclamação que a Associação dos Distribuidores dos Jornais vai fazer ao chefe do distrito, para que seja eliminada daquele mister a infância que a ele se dedica, por questões de ordem moral. As opiniões divergem no tocante a pôr-se em prática a proibição dos menores, porquanto a Associação dos Distribuidores pretende que as autoridades rubriquem os cartões de identidade profissional passados por aquela referida colectividade. A quasi totalidade do conselho federal manifesta-se concorde com os desejos dos distribuidores, mas apenas na parte moral. Quanto a pedir a rúbrica do chefe do distrito não aceita esse princípio por contundir com as boas normas sindicais. Após alguma discussão, em que o delegado dos distribuidores e vendedores de jornais defende o seu ponto de vista e o da sua Associação, é aprovado o alívio da C. A., apresentado por Felisberto Baptista, segundo o qual a U. S. O. nomeia uma comissão, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamará do governador civil a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de pôr em prática apenas a cargo da classe interessada e do seu sindicato, não se intrometendo nisso a União.

Despesa..... 596\$60  
Soma..... 596\$60  
Vejamos agora a despesa da casa:

132 quilos de farinha flor, a 1\$40.....	184\$80
68 quilos de farinha de 2.º.....	40\$80
Mais 200 quilos de 2.º.....	120\$00
500 molhos de chamaça, a 2\$00 o cento.....	1300
Luz.....	1\$20
Contribuição da indústria, a razão de 400\$00 por ano.....	1510
1 fornecedor.....	45\$00
4 amassadores a 4500.....	16500
1 ajudante.....	3500
1 caixeiro.....	45\$00
6 vendedores a 3\$00.....	1800
Despesa.....	406\$90
Apuro.....	596\$60
Líquido.....	189370

Segundo o meu informador, há padarias onde pessoal em menor número faz o mesmo serviço que o pessoal acima indicado; outras de maior movimento, que naturalmente tiram maiores lucros, principalmente aquelas onde, fabricando pão de milho, misturam este cereal na farinha do tipo único, como esta farinha da noite prima!

Quer dizer: 13 pessoas, trabalhando bestialmente, auferem todas juntas, por dia, 30\$00 — 360\$00 para 13 casas, para 13 famílias, para 13 estómagos multiplicados por mais algum. E um só, sem trabalho, sem grandes maçadas, a não ser a de pensar na especulação, ganha diariamente 189\$70, para uma casa e para uma família, admitindo que não tem amantes. As 13 criaturas, além de telegramas, etc., dando a adesão de diverso pessoal às resoluções que a assembleia de solidariedade, com a classe, representavam directamente as delegações de Viana e Douro.

Em primeiro lugar falou Adriano Monteiro, referindo-se as tropelias que presentemente se estão fazendo com a reorganização dos serviços ferroviários; 2.º tratar da situação dos praticantes de estação; 3.º apreciar e resolver acerca das modificações a introduzir no Regulamento da Caixa de Solidariedade Humana; 4.º tratar qualquer assunto de interesse para a classe.

Entre o expediente, figuram ofícios, telegramas, etc., dando a adesão de diverso pessoal às resoluções que a assembleia de solidariedade, com o público, o imposto, a luz, etc., para a classe.

E aqueles industriais que são, a um tempo, também moageiros, como um tal Maia, que, sendo o distribuidor das farinhas na Associação, ninguém mais do que ele pode conseguir farinha de 2.º em maior porção?... Então é muito difícil de saber os seus lucros, aproximados mesmo que sejam.

Nestas circunstâncias deve o preço do pão subir ou o seu peso diminuir, para satisfazer as reclamações dos operários manipuladores de pão? Não, e esta classe, como todas as outras, devem denunciar ao público as ganâncias patronais, desde que elas tenham seu conhecimento. E' uma nova especulação que os industriais de padaria pretendem fazer, baseando-se nas exigências dos seus operários, como especulação ignobil é mistura da farinha do tipo único com a farinha flor; dupla fraude, porque é vendida a farinha de 2.º pelo preço da de primeira e porque estão a gastar, com os ricos e remedados, que também são burlados, a farinha destinada ao pobre. Um jornal desta cidade defendeu o restabelecimento dos dois tipos de pão com o intuito da farinha dos pobres durar mais tempo. Afinal, ela está sendo subtraída ao consumo dos que podem, por preços diferentes. Não, é preciso que o público se ponha de sobre-aviso contra a nova especulação dos proprietários de padaria. Não são os operários que dão margem a traições dos negociantes e industriais, são estes que se aproveitam da sua demasia rapina consentida pelas autoridades e por nós, o que é mais lamentável.

Mas isto não vai a matar e não se vai a Roma num dia.

23 de Março.

C. V. S.

União dos Sindicatos Operários

Em sessão federal ordinária, reuniu a União dos Sindicatos Operários. O expediente figura um ofício do Sindicato Único dos Operários da Indústria de Vestuário, convidando a União a fazer-se representar numa sessão de propaganda sindical que se deve realizar no domingo, pelas 15 horas, na 1.ª secção daquele sindicato, em Gaiá. — Nomeado Luís António da Carvalho.

E' dado conhecimento dos novos cargos da actual C. A., que estão assim distribuídos: Felisberto Baptista, secretário geral; Joaquim do Carmo, secretário adjunto; Carneiro, secretário administrativo; António Carvalho, tesoureiro; António Rainha, vogal. Joaquim Silva informa o C. F. a márcia do movimento grevístico da classe tipográfica; Joaquim do Carmo, em nome da Comissão Única de Proprietários de padaria, que se reclama a constituição de uma comissão composta por três delegados do pessoal do Minho e Douro e de três do Sul e Sueste, para proceder ao estudo da reorganização na parte respeitante ao pessoal, reclamação até agora não atendida; Os ferroviários do Minho e Douro, reunidos em assembleia geral extraordinária, resolveram: 1.º não aceitar nenhuma organização sem que uma comissão delegada do pessoal se tenha pronunciado sobre ela, protestando, desde já, contra a tentativa, agora feita, de levar a cabo tão importante trabalho sem a colaboração de uma comissão delegada do pessoal; 2.º Convocar a Direcção da União Ferroviária a editar um manifesto, se o julgar necessário, expondo ao pessoal e ao público o que sobre o assunto julgar preciso; 3.º organizar este sindicato.

Considerando que o pessoal ferroviário é o mais diretamente atingido pela organização dos Caminhos de Ferro do Estado, e sabendo-se que tão importante diploma está em vias de conclusão mantendo-se em volta dele um profundo sigilo, para evitar a intervenção das interessadas na sua aprovação; Considerando que tal procedimento brigaria com os mais rudimentares princípios de justiça, não podendo o pessoal ferroviário aceitar as disposições dum reorganização feita à porta fechada, por isso ser ditatorial e contrário ao direito de apreciação conferido por lei; Considerando que chegar ao nosso conhecimento a notícia de que a nova organização fazem largas concessões de carácter corporativo e económico em manifesto prejuízo e lamentável desprêzo pelas outras classes mais produtoras.

Considerando que a comissão de

delegados, apelando para que todos os delegados façam a devida propaganda entre as suas classes.

Entra em discussão a reclamação que a Associação dos Distribuidores dos Jornais vai fazer ao chefe do distrito, para que seja eliminada daquele mister a infância que a ele se dedica, por questões de ordem moral. As opiniões divergem no tocante a pôr-se em prática a proibição dos menores, porquanto a Associação dos Distribuidores pretende que as autoridades rubriquem os cartões de identidade profissional passados por aquela referida colectividade.

A quasi totalidade do conselho federal manifesta-se concorde com os desejos dos distribuidores, mas apenas na parte moral.

Quanto a pedir a rúbrica do chefe do distrito não aceita esse princípio por contundir com as boas normas sindicais.

Assim, que já foram entregues, há bastantes semanas, às instâncias oficiais, as reclamações dos supracitados praticantes, sem que até aí presentes da direcção.

Conseguiu obter qualquer despatcho, sem o qual não é mais útil.

Considerando que se torna necessário e urgente tratar deste justissimo assunto em Lisboa, junto da Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, em virtude do direcção alegar não estar nas suas atribuições a satisfação das referidas reclamações representadas, as quais se baseiam no preendimento de todas as vacâncias de factores e aspirantes de estação existentes no quadro, no abono da diferença de vencimento segundo a categoria superior que desempenham e na concessão de passes e bilhetes de identidade, conforme já os possuem.

Propõe-se que se nomeie um delegado para representar a classe de praticantes de estação que também deve ser nomeada para ir a Lisboa para tratar dos melhoramentos do pessoal.

2.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

3.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

4.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

5.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

6.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

7.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

8.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

9.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

10.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

11.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

12.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

13.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

14.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação.

15.º — Dada a justiça que assiste aos mesmos praticantes e ao desprezo com que teem sido tratados pelas instâncias superiores, apelam aos demais camaraçais, que, conjuntamente com a dos distribuidores dos jornais, reclamarão a satisfação da reclamação da Associação dos Distribuidores, na parte moral, ficando a maneira de estação

